

## LIMPEZA DE OUVIDOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA – O SILÊNCIO DE QUEM OUVE.

Natália Santana dos Santos

*Universidade Federal de Pernambuco*

**Resumo:** Este artigo deriva de um trabalho de pesquisa de conclusão de curso cujo objetivo foi compreender as possibilidades reais de desdobramento de um curso de limpeza de ouvidos, baseado em Schafer, em uma sala de aula do ensino básico em uma escola pública. Para isso realizou-se uma pesquisa em uma turma de primeiro ano do ensino médio numa escola pública recifense que possui média 3,3 no IDEB e inclui música como conteúdo da matéria de Artes em seu currículo. Sendo assim, os objetivos específicos foram: conduzir o processo de limpeza de ouvidos na turma escolhida com base nos exercícios indicados por Schafer, conscientizar os estudantes sobre os sons que os cercam e sobre as possibilidades sonoras do ambiente para se fazer música; e observar como se desenvolveria nos estudantes a percepção auditiva, durante o período das aulas. Analisamos o material colhido junto aos estudantes apontando possíveis respostas para a hipótese de que a proposta pedagógica de Schafer é adequada à realidade da escola pública pernambucana.

**Palavras-chave:** Limpeza de ouvidos, Schafer, Educação Básica, Música.

### Introdução

Ecologia é uma palavra de origem grega, derivando de oikos – meio e logos – estudo, “significando o estudo da relação entre o meio ambiente e os seres vivos.” (FONTERRADA, 2004a. p. 27). O campo de estudos dessa ciência abrange as três grandes áreas do conhecimento, ou seja, biológicas, exatas e humanas e, se pensarmos de modo tão amplo quanto pudermos, observaremos que o habitat de todos os seres vivos é o próprio planeta Terra, sendo nossa relação com ele o grande objeto de estudo da ecologia, de maneira geral. Por muito tempo a ecologia foi tratada de modo restrito. Entretanto, frente à crise ambiental atual, ela tem ganhado cada vez mais espaço nos meios de comunicação “à medida que surgem sinais de evidente desgaste no nosso modelo de vida atual, em especial no que diz respeito à nossa relação com o meio ambiente” (FONTERRADA, 2004a. p. 27). Hoje há diversos estudos que se preocupam em trabalhar o caráter ecológico das muitas áreas do conhecimento humano. Com a música não é diferente.

Murray Schafer acredita que o ambiente sonoro de uma sociedade pode ser visto como um indicador das condições sociais que o produzem e pode revelar muitas coisas a respeito das tendências dessa sociedade, além de influenciar a música que é feita por ela e de refletir o seu estado de espírito (SCHAFER, 2012). Schafer, considerado por alguns o pai da ecologia acústica, define o termo como

os estudos dos efeitos do ambiente acústico, ou a paisagem sonora, sobre as respostas físicas ou características comportamentais das criaturas que nele

vivem. Seu principal objetivo é dirigir a atenção aos desequilíbrios que podem ter efeitos insalubres ou hostis. (SCHAFER, 2011, p. 364).

Está bastante claro em sua obra (1991, 2011) que Schafer defende que a paisagem sonora do mundo está se tornando cada vez mais lo-fi, ou seja, cada vez mais o ambiente sonoro está cheio de sinais que se amontoam, o que acaba resultando na falta de clareza e dificuldade de compreensão. Com o auxílio da tecnologia, para Schafer, os sons vêm sendo usados atualmente de maneira indiscriminada, o que tem feito com que se proliferem os sons uniformes produzidos pela aparelhagem tecnológica que apinha as cidades – rádios, motores, máquinas – tornando a paisagem sonora mais homogênea. Criou-se uma parede sonora na qual se misturam todos os estímulos que, por serem tantos, passam a ser uma coisa só: uma massa de som ouvida constantemente como um fundo, onde não há perspectiva pois não há nem ruído nem sinal. Desse modo se perdem os sons característicos de cada ambiente.

Porém, embora considere a paisagem sonora mundial atual extremamente prejudicial e negativa com todos os seus ruídos e altos volumes, a intenção de Schafer é trabalhar o ambiente sonoro a partir de um ponto de vista positivo. No prefácio à edição brasileira de *A afinação do mundo* Schafer comenta que, apesar dos esforços das organizações em estudar e reverter os problemas apontados por ele na paisagem sonora mundial, estas organizações não conseguem feitos de grande impacto. O autor confia à educação pública a tarefa de ensinar as pessoas a ouvirem com mais cuidado e a pensarem criticamente a paisagem sonora na qual estão inseridas para que elas estejam preparadas para replanejar o ambiente sonoro à sua volta escolhendo quais sons querem ouvir e preservar, sem ceder ao que ele considera “forças imperialistas vindas de fora” que utilizam o som retoricamente para atrair nossa atenção ou vender alguma coisa (SCHAFER, 2011, p.12).

A proposta educativa de Schafer encara música como “sons à nossa volta, não importa se estamos dentro ou fora das salas de concerto” (SCHAFER, 1991, 21 p.187), concordando com John Cage. Para ele “a mais vital composição musical de nosso tempo está sendo executada no palco do mundo”, por isso seria tarefa do educador musical estudar e compreender teoricamente o que acontece na paisagem sonora mundial e fazer com que seus estudantes também a estudem e compreendam.

Eis a nova orquestra: o universo sônico! E os novos músicos: qualquer um e qualquer coisa que soe! Isso tem um corolário arrasador para todos os educadores musicais. Pois educadores musicais são os guardiões da teoria e da prática da música. E toda a natureza dessa teoria e prática terá agora que ser inteiramente reconsiderada. (SCHAFER, 1991, P. 121)

Desse modo, chegamos à importância dada pelo autor à limpeza de ouvidos. Ela surge em contraponto ao que Schafer chama de “entorpecimento de ouvidos”, causado pela poluição sonora na qual vivemos. Para que as pessoas se conscientizem da paisagem sonora ao seu redor é preciso que elas primeiro aprendam a ouvi-la com atenção. Aos professores de música cabe a tarefa de tratar esteticamente da paisagem sonora a fim de fazer os estudantes perceberem não só a relevância do tema mas também o modo como o ambiente sonoro tem exercido tanta influência sobre o fazer musical através dos séculos que os estudos das duas partes não podem estar tão dissociados como de costume. A limpeza de ouvidos pode ser feita através de um curso, se pensarmos na educação básica, que trabalhe uma série de aspectos do som de maneira que os estudantes sejam cada vez mais estimulados e desafiados a conhecer e experimentar os sons que os cercam. Os aspectos do som que Schafer indica no capítulo 2 de O ouvido pensante são: ruído, silêncio, som, timbre, amplitude, melodia, textura, ritmo e paisagem sonoro-musical. A ideia pedagógica de Schafer passa pelo fazer musical criativo subordinado a problemáticas direcionadas pelo professor, que deve usar sua experiência para “colocar na cabeça dos alunos a centelha de um tema que faça crescer” (SCHAFER, 1991, p.282).

Essas são, resumidamente, as ideias básicas apresentadas por Raymond Murray Schafer (1991 e 2011) em relação à situação da paisagem sonora mundial. Muito se fala sobre elas e sobre como podem ser adequadas às escolas brasileiras, tendo Schafer sido mencionado como referência teórica para 27% dos entrevistados durante a pesquisa Práticas Criativas em Educação Musical, feita pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Musical (GPEM) do Instituto de Artes da UNESP entre julho de 2012 e novembro de 2013. Entretanto, algumas das pesquisas na área da educação musical parecem compreender ou trabalhar superficialmente as bases do pensamento de Schafer e ignorar a grande influência que seus estudos da paisagem sonora mundial exercem sobre sua visão pedagógica. Dessa maneira, poucos pesquisadores abordam características fundamentais da proposta do autor, tais como ecologia acústica, saúde auditiva, limpeza de ouvidos, paisagem sonora, focando apenas no aspecto da criatividade e do fazer musical, quando esses são conceitos que estão presentes em diversas abordagens de educação musical, não sendo a principal característica da proposta pedagógica de Schafer.

A experiência acústica proposta pelo autor deve ser mais que uma simples experimentação ou apreciação dos sons do ambiente, deve ter um caráter estético, que possa

levar o aluno a conhecer profundamente o ambiente sonoro no qual se encontra, se reconhecer nele e se conectar com a paisagem sonora ao seu redor.

Este trabalho surgiu da intenção de sanar a curiosidade levantada por essas pesquisas e não só comunga das ideias do pesquisador, músico e compositor canadense, mas também procura compreender suas perspectivas pedagógicas e sua proposta educacional de maneira mais completa. A presente pesquisa vai além disso quando procura o campo buscando compreender as possibilidades reais de desdobramento de um curso de limpeza de ouvidos baseado em Schafer, trabalhando para isso com uma turma de escola pública de nível básico.

Os objetivos específicos deste trabalho foram explorar as possibilidades da proposta de R. M. Schafer em uma turma regular de ensino médio; conduzir o processo de limpeza de ouvidos na turma escolhida com base nos exercícios de escuta e criação de sons indicados pelo autor; conscientizar os estudantes sobre os sons que os cercam e sobre as possibilidades sonoras do ambiente para se fazer música; e observar como se desenvolveria nos estudantes a percepção auditiva, durante o período das aulas.

## **Metodologia**

A escolha da escola pública para a realização desta pesquisa se deu não só pela hipótese construída de que os documentos nacionais (BRASIL, 1998a, 1998b, 2013, 2016) que norteiam a educação apresentam objetivos para a disciplina de Artes que se aproximam da concepção que Schafer tem de educação musical e por isso esse ambiente estaria aberto de possibilidades e seria campo fértil para esta abordagem, mas também por compreendermos que, estando a música presente no desenvolvimento das sociedades humanas e sendo um meio de expressão utilizado por nós há tanto tempo, devemos garantir que todos tenham acesso ao seu estudo, empenhando-nos em levar esse acesso aonde ele não chega com facilidade.

Podemos considerar que esta pesquisa assume um caráter qualitativo tendo em vista que os caminhos escolhidos para responder às suas questões motivadoras figuram entre as características de pesquisa qualitativa descritas por Bresler (2007, p. 11-12), tais como uma abordagem contextual e holística dos eventos; o fato de ela ser tipicamente dirigida para um caso e, por isso mesmo, relativamente não comparativa; seu caráter empírico e dirigido a um campo específico e seu aspecto interpretativo e empático que busca “capturar as perspectivas e as percepções dos participantes, junto com a interpretação do investigador.” (BRESLER, 2007, p. 12)

De acordo com Michel (2009. p.40), a pesquisa exploratória “busca o levantamento bibliográfico sobre o tema, com o propósito de identificar informações e subsídios para definição dos objetivos, determinação do problema e definição dos tópicos do referencial teórico”. Esta foi a primeira etapa do presente estudo, quando tivemos por finalidade nos aprofundar na base teórica que guiaria nossas escolhas no decorrer dos seguintes momentos da pesquisa, que se compôs do planejamento das aulas e da elaboração do plano de ensino; intervenção no campo de pesquisa e análise do material colhido.

É importante citar que os critérios para escolha da escola em que a pesquisa ocorreu foram a anterior familiaridade que eu já possuía com a instituição por conta de minha participação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), e presença de atividades musicais na escola. Os critérios para a escolha da turma foram que ela se enquadrasse na etapa do ensino médio da educação básica e a compatibilidade de horários com a pesquisadora. Sendo assim a turma com que trabalhei foi o 1o ano D, no turno da tarde, às 13:30 com a duração de uma hora aula.

Com base nos livros O Ouvido Pensante (2011) e Educação Sonora (2009), ambos de Schafer, e com a finalidade de conduzir tanto a pesquisa quanto a atuação da pesquisadora em sala de aula foi elaborado um plano de ensino que estabelece os objetivos educacionais da pesquisa e a dinâmica das aulas. Considerando os tópicos dos capítulos Limpeza de ouvidos e O rinoceronte na sala de aula (SCHAFER, 2011, p. 67 e 277, respectivamente) e os temas previstos no planejamento da Escola Estadual para a matéria de artes no ensino médio, estabelecemos a ordem pela qual os assuntos foram tratados: silêncio; o que é música [sons e ruídos]; sons para se fazer música; os sons da escola e música.

O período de convivência com os alunos foi dividido em duas partes. As primeiras quatro aulas se realizariam conforme os planejamentos preestabelecidos, embora eles fossem modificáveis e flexíveis. Já os quatro últimos encontros seriam dedicados ao exercício de ouvir o ambiente escolar e produzir coletivamente uma peça musical que se relacionasse com ele, ficando a cargo dos estudantes a escolha de como isso poderia ser feito. Nesse momento a pesquisadora atuaria como orientadora. A professora da turma escolhida acompanhou o desenvolvimento das aulas, entretanto sem interferir na atuação da pesquisadora, durante todo período de duração da pesquisa. Para estimular a participação dos jovens, foi acordado com a professora da turma que em todas as aulas haveria uma pontuação variável a ser creditada para aqueles que participassem e/ou entregassem os exercícios solicitados. Haveria ainda uma

oportunidade para que os estudantes fizessem uma avaliação coletiva das aulas de música, totalizando assim nove momentos com os alunos.

A duração da intervenção no campo foi planejada para o tempo de dois meses de modo que nos utilizaríamos de uma das quatro unidades escolares. A escola com a qual trabalhamos já dedica em seu calendário escolar uma das unidades para a temática “música” durante um bimestre, sendo assim nos acomodamos às regras da instituição, utilizando-nos de um prazo que também se adequava ao nosso cronograma.

Como propõe Schafer (1991, p. 195; 2009, p.38), os estudantes seriam estimulados a escreverem diários sonoros. A intenção da pesquisa com esse material era de avaliar o modo como os alunos percebiam e lidavam com a paisagem sonora ao seu redor no começo das aulas e quais mudanças haviam acontecido ou não nesse aspecto em decorrência das nossas atividades.

## **Resultados**

Os estudantes fizeram observações interessantes quando questionados em aula sobre suas definições do que é silêncio. Uma nos remete ao conhecido escritor inglês, William Shakespeare, que encerrou a vida de Hamlet em sua peça homônima com a frase “The rest is silence.”, que até hoje intriga os estudiosos quanto ao seu significado; e a outra nos remete imediatamente aos estudos de Schafer sobre a paisagem sonora mundial. Ao afirmarem que o silêncio é só a morte e que o silêncio é o barulho que não é escutado, os estudantes parecem concordar em um ponto. Embora um deles tenha definido silêncio a partir da quietude – da ausência de som/ausência de vida – e o outro tenha feito a definição a partir do som, ou do som negativo – como o senso comum normalmente compreende o termo barulho – é possível perceber que para os dois se há vida há sempre algo soando.

No material recolhido quando foi solicitado que eles escrevessem o que ouviam durante dois minutos de silêncio há também referências a um mundo que soa constantemente. O som do ventilador, do vento, das vozes (muitas pessoas discriminaram as frases que estavam ouvindo), coisas batendo, colegas passando do lado de fora da sala, cadeiras sendo arrastadas. Quase todos concordavam que não há silêncio absoluto, que sempre ouvimos alguma coisa. Os diários sonoros escritos em sala de aula nos mostram uma perspectiva contígua a essa: o silêncio que está em nós, por assim dizer, o silêncio de quem ouve. Muitas

peessoas citaram momentos em que estavam em silêncio ou ouvindo algo (ou alguém) como os momentos silenciosos da sua semana, poucas mencionaram situações em que estivessem inseridas em um ambiente sonoro quieto. Apenas duas pessoas fizeram referência a lugares silenciosos que não eram suas casas, sem indicar que também estavam em silêncio. Um dos alunos relacionou silêncio com concentração ao afirmar que o único momento silencioso da semana foi quando sentou-se para fazer um trabalho escolar.

### **Discussão**

Voltando-nos para a ideia de ecologia e música podemos estabelecer reflexões interessantes acerca destas anotações feitas pelos estudantes. Um ambiente sonoro *lo-fi*, como já foi dito, é aquele em que a relação sinal/ruído é desfavorável; um ambiente que está cada vez mais cheio de sinais que se amontoam, o que acaba resultando na falta de clareza e dificuldade de compreensão. Os estudantes, como observamos em seus registros, estão inseridos em um ambiente que soa o tempo inteiro. Mesmo na escola, durante o tempo da aula, era possível ouvir colegas do lado de fora conversando e caminhando nos corredores. Não há trégua. O ambiente parece ser tão *lo-fi* que os momentos de quietude são aqueles em que eles mesmos não produzem som, e não aqueles em que estejam inseridos em um ambiente sonoro com baixa incidência de ruído, significado comumente atribuído a palavra *silêncio*.

E mais, por vezes estes momentos de silêncio são instantes em que eles param para ouvir o sermão da igreja, assistir a um filme ou ver televisão, ou seja, são instantes em que os ouvidos estão totalmente ativos. Nestes casos, e em casos como do estudante que escreveu sobre a hora em que estava fazendo o trabalho escolar, percebemos que os alunos associam o silêncio a um estado de concentração máxima. A atividade a ser feita exige tanta concentração que é necessário desfazer-se de todos os ruídos que interferem na percepção do som desejado. Schafer (2011, p. 354) afirma que “o homem gosta de produzir sons para se lembrar de que não está só. (...) O homem teme a ausência de som do mesmo modo que teme a ausência de vida.” Ele diz que a contemplação do silêncio absoluto tornou-se uma perspectiva negativa e assustadora para o homem ocidental uma vez que, para o autor, ele representa a falta de comunicação, a falta de interlocutores iguais a si, a solidão, a morte. Declarar que o silêncio é só a morte, é aproximar-se dessa perspectiva.

Ao analisar o material escrito pelos estudantes e colocá-los lado a lado com as ideias de Schafer sobre silêncio e sobre um ambiente sonoro *lo-fi* podemos ver que os estudos do autor se aproximam da realidade da escola em que a pesquisa aconteceu, embora os

participantes dela estejam em uma realidade diferente da de Schafer, tanto no espaço quanto no tempo. Consciente de que sua proposta educacional carrega a ideia de uma educação para os sons, priorizando a escuta e a descoberta dos sons e de como manipulá-los para que possamos interagir com a paisagem sonora conscientemente e reconectar-nos a ela, a escolha do tema *silêncio* para começar as aulas numa turma de ensino médio não foi motivada por outra razão senão a intenção de visualizar primariamente como os alunos percebiam o ambiente sonoro ao seu redor e incentivá-los a refletir sobre essa percepção.

## **Conclusões**

Como professora de música, considero alarmante que essa seja a realidade sonora, digamos assim, dos estudantes. Pensando da maneira mais elementar possível, é preocupante que o lugar em que se espera que eles estejam concentrados e dispostos para as aulas apresente tantos ruídos que, se não são responsáveis, contribuem diretamente para que eles estejam em um estado de ânimo que é exatamente o oposto disso. Refletindo um pouco mais sobre essa situação surgem questões como: como esperar que os estudantes que nunca tiveram aulas de música durante a infância possam lidar facilmente (e auditivamente) com conceitos como propriedades do som – parte do planejamento de artes da escola – se eles estão imersos em um ambiente sonoro que não descansa os ouvidos por um minuto? Como trabalhar com o fazer musical criativo se os ouvidos dos alunos, tão estimulados pela captação constante de sons intensos, dificilmente percebem o som da própria voz? Como estimular a apreciação de gêneros musicais diferentes dos que eles ouvem, com uma riqueza de detalhes diferente daquela a que eles estão acostumados, se os ouvidos aprenderam a ignorar os detalhes de modo que, num ambiente ruidoso, eles focam apenas na voz de quem interessa, ignorando as sutilezas sonoras ao redor?

Longe de exemplificar o êxito ou de poder estabelecer análises mais profundas sobre os desdobramentos da utilização da ideia de limpeza de ouvidos em uma turma de educação básica, esta pesquisa é um ponto de partida. Não obstante as lacunas surgidas, este trabalho, com o material obtido junto aos estudantes, mostra que é importante atentar-se para o aspecto ecológico da proposta pedagógica de Murray Schafer ao abordá-la em sala de aula. Além disso, indica que os estudantes do ensino médio de escola pública estão preparados para estudarem música a partir de uma perspectiva que seja também filosófica, não só pragmática ou focada na teoria dos livros-textos que são base para a matéria de artes.



Ademais, ela se propõem a estar entre os trabalhos acadêmicos de licenciatura que consideram a ideia pedagógica de Schafer de uma maneira mais ampla, esperando que possa contribuir para futuras pesquisas na área servindo de exemplo tanto em relação às dificuldades encontradas quanto à maneira de pensar e abordar os ideais de Schafer.

## Referências

ABREU, Thiago Xavier de. **EPHTAH!**: Das ideias pedagógicas de Murray Schafer. 2014. 198p. Dissertação (Mestrado em música) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/110656/000795833.pdf>> Acesso em: 03 de maio de 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998b, v. 3.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. **Síntese das diretrizes curriculares nacionais para a educação básica**. Brasília: MEC, CNE, CEB, 2016.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente**: ecologia sonora. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004a.

\_\_\_\_\_. **O lobo no labirinto**: uma incursão à obra de Murray Schafer. São Paulo: Editora UNESP, 2004b.

\_\_\_\_\_. **De tramas e fios**: um ensaio sobre educação musical. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

\_\_\_\_\_. et al. **Práticas criativas em educação musical**: análise dos resumos e teses de doutorado no Brasil. In: Congresso da ANPPOM, 24., 2014, São Paulo. Anais... Disponível em: < <https://www.anppom.com.br/congressos/index.php/24anppom/SaoPaulo2014/paper/>> Acesso em: 06/05/2016.

SCHAFFER, R. Murray. O ouvido pensante. Trad. de Marisa Trench de O. Fonterrada et al. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

\_\_\_\_\_. **Educação sonora**: 100 exercícios de escuta e criação de sons. Tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

\_\_\_\_\_. **A afinação do mundo**. Trad. Marisa Trench de O. Fonterrada et al. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.